

Este texto nasce com o propósito de apresentar, aos novos alunos, o pensamento de Bakhtin e o Círculo relido em nosso tempo, para o mundo em que vivemos, com todas (e apesar de) suas vicissitudes e dificuldades. Na verdade, constitui um registro, uma síntese de muitas de minhas aulas em que, motivada pela luz, abertura e amplidão que tal conjunto teórico possibilita aos estudiosos (ou curiosos) sobre a linguagem, busco conquistar os iniciantes e iniciados, contaminando seus discursos interiores, tingindo-os de dizeres de além-mar e além-hoje.

Conheci Bakhtin há muitos anos. Na verdade, eu o conheci sem ler, ganhei de uma colega um livro que ela havia comprado na banca do Sodré, um tal *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, autoria de Bakhtin/Voloshinov, o qual passei anos sem abrir, por preconceito quanto ao termo “Marxismo”. Até que quando cheguei ao Doutorado, em 2001, o tal livro era uma sensação na PUC-SP. No primeiro dia de aula um colega me inquiriu, com o livro embaixo do braço: “Faz doze anos que leio isto aqui, será que você pode me explicar do que se trata afinal?” Pensei: “Nossa, 12 anos... deve ser mesmo muito difícil!!” Mas eu *ainda* não poderia dizer a ele sobre o que tratava o tal Marxismo. Talvez hoje eu já tenha criado a minha própria estória sobre o livro e possa, quem sabe, acalmar e ninar este bebê doutorando assustado, jogado nas corredeiras dos discursos sobre o discurso bakhtiniano.

Na verdade, não era tão difícil. Creio que meu colega não tinha uma relação muito boa com o Bakhtin. E aí me veio a primeira palavra que eu tinha que saber quando se tratava de aprender/estudar/adentrar o mundo bakhtiniano: RELAÇÃO. Tudo está em *relação* com tudo: aquilo que digo com os meus dizeres anteriores e com os dizeres de outros também; aquilo que dirão a partir do que eu digo; o tipo de *relação* que estabeleço com meu interlocutor; qual *relação* que eu posso estabelecer (ou já se estabelece por si) entre o meu enunciado e o lugar de onde eu falo, em qual campo ou esfera de atividade humana meu enunciado (ou o dos outros) é produzido, quais

relações entre as pessoas ocorrem ali: amigáveis, hierárquicas, democráticas, autoritárias, abertas, preconceituosas, possessivas, opressoras, produtivas, criativas, entediantes, violentas... ah... uma lista enorme de possibilidades!

Então eu aprendi, com Bakhtin, que cada nova possibilidade traduz uma interação diferente entre um *eu* e um *outro*, por conseguinte, neste momento, um novo enunciado nasce ali, quando escolhermos as formas disponíveis de linguagem para materializar as nossas vontades de dizer. Para dizer em palavras black-tie, o nosso *projeto discursivo*. Vamos ampliando, por partes.

Os dizeres, primeira parte. Mas me acontece agora, como uma necessidade biológica básica, movida por uma *atividade mental do eu*, falar sobre o silêncio. E mesmo no silêncio, lá estão os dizeres. A música tem pausas, e sabem bem os músicos o quanto dizem as pausas numa composição. Assim como uma vírgula, numa frase. Não é só para respirar, ou por conta de uma exigência sintática, mas, na maioria das vezes, para deixar brechas aos sentidos, para fazer aflorar o botãozinho do significado tímido, preso em nosso íntimo, na forma amorfa de um discurso interior ainda em semente, em potência.

Por outro lado, a pausa também abre para o outro, que muitas vezes invade o campo e faz sete contra um. Então, aprendi com Bakhtin que a linguagem serve, para além de informar ou estabelecer comunicação entre duas cabecinhas do esquema de comunicação saussureano, mostrar a nossa força, exercer o poder sobre o outro, manipular, criar intrigas, fazer jogos, tripudiar, inventar fatos, inverter os fatos, virar de cabeça para o baixo o mundo inteiro a nosso favor. Como num derrame isquêmico, se o nosso cérebro não fica alerta, caso não dominemos o jogo discursivo ali colocado, o outro nos faz vê-lo de ponta cabeça e nos atinge em cheio, quebrando o nosso tornozelo e nos colocando fora do torneio.

Os dizeres, segunda parte. Estão e sempre estiveram em todos os lugares. Em todas as direções. A tradição oral, a tradição da escrita. A enxurrada de informações da internet, a feira árabe do face nosso de cada dia e de todas as redes sociais, o burburinho dos ônibus e trens lotados, o diz-me-diz das praças, todos os escritos da cidade, os *outdoors*, as revistas e jornais das bancas, os letreiros dos comércios, os panfletos, folhetos e santinhos, os livros e mais livros de todos os tempos... enfim, nas palavras do próprio Bakhtin, “a tagarelice mundana”, o “plurilinguismo social”. Esta multiplicidade, também reconhecida por Saussure em sua definição de linguagem, “múltipla e heteróclita”, pareceu não servir como objeto de estudo para a ciência da linguagem que recém havia nascido, no início do século XX.

A vida da linguagem foi, por assim dizer, abstraída, e seus sujeitos idealizados. Fora linguagem, *parola demais!* Fico com a língua! Mas como concebo a língua? Como “sistema estável, imutável, de formas linguísticas submetidas a uma norma fornecida tal qual à consciência individual e peremptória para esta”². E sobre tal premissa se erigiu grande parte dos estudos linguísticos do século XX. Mas não para Bakhtin e seus companheiros da russa jornada intelectual.

Os dizeres, terceira parte. Também denominados como “enunciados”. Esse foi outro conceito essencial que aprendi e para isso tive que recorrer ao *National Geographic*. O que seria o tal enunciado concreto, para o qual sempre e novamente e mais uma vez Bakhtin nos alerta a respeito de sua característica mais nobre: a totalidade, o *todo do enunciado*? Em minha cabeça, cheia de imagens saltitantes, parecia algo redondo, *redondinho*, até mesmo que desce bem só gelado. Deve ser coisa de russo, mas quantas cervejas acompanharam os bate-papos de bar entre mim e meus colegas de turma, a respeito do tal *todo do enunciado concreto*?

² Bakhtin/Voloshinov [1929] 2009, p. 85.

No fim de uma dessas noites divertidas, volto para casa e ligo a tevê. Passa um programa, no canal *National Geographic*. É sobre o mar. E penso nos sentidos todos, de tudo, em todas as direções. Não é um mar... é um oceano ou são os oceanos todos que já existiram e que existirão. Oceano de sentidos cheios de seres vivos. O programa, então, falava sobre como um cardume de manjubinhas, unidas, afastava seu predador, um grande tubarão, que concebia aquele conjunto como um ser único, muito maior que ele, fugindo assustado. Eureka!!!! Eis o enunciado concreto, ou melhor, o *todo do enunciado*! Mesmo formado por elementos distintos, quando unidos, e concebidos como uma unidade, de forma orgânica, constituíam um *todo significativo*. Absolutamente concreto porque vivo, e grande, e imponente.

E, para além-mar, aprendi que o termo enunciado, em russo, não tinha o mesmo sentido com que estávamos acostumados nas aulas de linguística: o produto de um processo enunciativo. Além do produto, englobava o processo todo de produção desse enunciado, os participantes ali envolvidos e os vários aspectos que pudéssemos aventar a partir de uma *relação* interlocutiva. Parece, pois, ressurgir das cinzas da nossa velha linguística textual a expressão “condições de produção do texto”. Mais tarde, passei a pensar que não era apenas isso...

Esse “acontecimento” das manjubinhas rendeu, até hoje, enunciados vários, dos mais compenetrados aos mais jocosos, e que tempos depois, ao ver o povo nas ruas, tanta gente em todas as cidades do país, em junho de 2013, me saltou vivo à memória. Mas, penso, será que podemos com nossos tubarões? Refletindo sobre, eu posso traçar uma nova *relação*: recorro a outro termo que nunca pode ser desgarrado do cardume das manjubas bakhtinianas: a *ideologia*, termo que, em vários momentos do conjunto das obras do Círculo, pode aparecer desdobrado em expressões como *meio ideológico*, horizonte *ideológico*, ciência das *ideologias*, fenômenos

ideológicos, comunicação *ideológica*, palavra *ideológica*, além dos derivados *ideólogo* e *ideologema*³.

Nova relação nos pipoca na cachola, em plena *atividade mental para nós*. A questão ideológica em Bakhtin e a questão ideológica em Marx. Na verdade, recordando que fiquei, preconceituosamente, vários anos sem pegar em Marxismo e Filosofia da Linguagem, por conta da palavra “marxismo”, no título, haja vista ter uma visão deturpada e absolutamente ignorante de Marx e do marxismo, desvendar esta misteriosa relação era uma necessidade existencial. Vários grilos pintaram, pegando carona nas leituras e ficando a cricrilar dia e noite.

Por fim, compreendi, *grosso modo*, que a noção de ideologia para Marx estava intimamente *relacionada* às classes sócio-econômicas, em que a classe burguesa, que havia passado de revolucionária a dominante, criava uma aparência de realidade, assim, uma falsa consciência do mundo, para satisfazer e perpetuar os seus próprios interesses e manter-se no poder. Entretanto, segundo Ponzio (2008), em Bakhtin:

Essa noção ocupa um lugar essencial em sua obra. Com o termo “ideologia” Bakhtin indica as diferentes formas de cultura, os sistemas superestruturais, como a arte, o direito, a religião, a ética, o conhecimento científico etc. (a ideologia oficial), e também os diferentes substratos da consciência individual, desde os que coincidem com a “ideologia oficial” aos da “ideologia não-oficial”, aos substratos do inconsciente, do discurso censurado” (PONZIO, 2008, p.112-113).

Ainda em Ponzio (2008), encontramos uma citação de Voloshinov (1930), em que há uma definição explícita de ideologia para o Círculo:

Por ideologia entendemos todo o conjunto dos reflexos e das interpretações da realidade social e natural que tem lugar no cérebro do homem e se expressa por meio das palavras [...] ou outras formas sígnicas (VOLOSHINOV APUD PONZIO, 2008, p. 114).

³ Tais denominações permeiam várias obras do Círculo, sobretudo em *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (1929), *O método formal nos estudos literários* (1928) e *O discurso no romance* (1934).

Os dizeres, quarta parte. Tudo o que dizemos, enfim, é criado pelo homem. E, para dizermos, criamos signos, sejam verbais ou não. Voltando às nossas *relações*, no início de Marxismo e Filosofia da Linguagem, encontramos que os signos só existem em um “terreno interindividual”, em que um “eu” e um “outro” estejam “socialmente organizados”, formando uma “unidade social”, ou seja, em *relação*. Acrescenta-se a isso o fato de que se considera “a palavra o signo ideológico por excelência”. Todas as considerações sobre signo, ideologia, consciência, discurso interior, quando por mim compreendidas, fizeram com que eu revisse, relese as considerações sobre “condições de produção” dos enunciados. Isso me remete a um exemplo, que sempre trabalho em sala de aula, na introdução das minhas disciplinas sobre estudos bakhtinianos.

Imaginemos um *outdoor* na frente de uma cidade do interior de Mato Grosso, com os dizeres: “Que bom que você veio, estávamos te esperando”. Busco explorar tal enunciado na perspectiva da sua estrutura, em termos fono-morfológicos, em termos semânticos e pragmáticos. Pergunto aos alunos, como seria se esta frase estivesse na frente de um cemitério, ou de um presídio, ou de um hospital, e todos os alunos riem.... divertido!! Até esse nível, o pragmático, todos conseguem participar e compreender. Mas, para Bakhtin, a análise não termina na pragmática. O que mais os estudos bakhtinianos poderiam indagar sobre estes dizeres? Daí (re)lembramos da palavra mágica, *RELAÇÃO*, e pensamos que tal *outdoor* foi escrito por alguém, há uma *autoria* e, portanto, um endereçamento.

Há muitas coisas entre um e outro, autor e leitor, do que sonham nossa vã filosofia da linguagem e nossos mais familiares estudos linguísticos. Chegamos “às terras virgens”, diria Bakhtin. O leitor, portanto, que chega à cidade e vê o *outdoor*, pode compreender o enunciado como uma “jogada política do prefeito, que quer ganhar votos”, ou como “algo necessário, já que temos que tratar bem nossos visitantes, pois nossa cidade é turística e precisamos de recursos trazidos pelos turistas”, ou como “que gentil

mensagem de boas-vindas!”, ou apenas como um enunciado qualquer, ao qual não se deu a menor importância. Ou seja, aqui citamos algumas possíveis *compreensões* do enunciado, *contra-palavras*, sem que nenhuma delas possa ser eleita como a melhor, a mais verdadeira, ou aquela que mais se aproximou da “intenção” do autor. Vai saber.... Para Ponzio, relendo Bakhtin, o que interessa, é cada encontro, entre autor e leitor, que produz a cada vez um sentido renovado. Gosto muito dessa ideia, a do ENCONTRO, em que a linguagem é a convidada especial: saibamos ser bons anfitriões, pois!

Os dizeres, quinta parte. E essa parte, a quinta, lembra-me algo importante, uma essência, o complemento final, como o tal “Quinto Elemento”, além da Água, da Terra, do Fogo e do Ar. Falávamos, no início de nossa confabulação bakhtiniana, sobre o fato de que aquilo que se diz é uma atualização de dizeres anteriores, que vão suscitar novos dizeres no futuro, numa imagem que me é muito cara, a da “corrente ininterrupta da comunicação verbal”. Tal corrente, caso queiramos voltar e voltar ao passado, não tem início, e muito menos terá fim, suas pontas são impossíveis de serem localizadas. Eis o princípio dialógico da linguagem. Eis o Dialogismo bakhtiniano. A dialogia, assim desenhada, esta imagem do processo humano de comunicação verbal, supõe total abertura, não temos e não podemos ter amarras na linguagem, caso tivéssemos acesso às pontas desta corrente, poderíamos fechar o cerco, prender, trancafiar, enquadrar, calar... Mas não, a linguagem, na visão bakhtiniana, é da total e irrestrita libertação, de todos e por todos que a utilizam.

Minha palavra, diz Voloshinov (1929), não é adâmica, ela sempre será uma retomada, em maior ou menor grau, das palavras de outrem. Dito isso, a palavra não é de ninguém e, ao mesmo tempo, é de todos, já que a linguagem é constitutivamente dialógica. Se essa minha leitura permite remissão à época sócio-histórica de produção das obras do Círculo, mais precisamente dos anos iniciais, até meados da década de 30 do século passado, não será mera coincidência.

Os dizeres, sexta parte. Os dizeres como textos. Há um momento belíssimo, em que Bakhtin, ele mesmo, vai falar sobre o problema do texto nas ciências humanas, ampliando a noção de texto restrita ao texto verbal⁴. É um daqueles momentos em que olhamos para trás e pensamos que valeu a pena as muitas leituras e releituras em busca de alguma compreensão da palavra bakhtiniana. Esse trecho merece o suspirar de um enunciado do tipo “oremos”, que abre espaço para o silêncio reverenciador e reflexivo:

O texto “subentendido”. Se entendido o texto no sentido amplo como qualquer conjunto coerente de signos, a ciência das artes (a musicologia, a teoria e a história das artes plásticas) opera com textos (obras de arte). São pensamentos sobre pensamentos, vivências das vivências, palavras sobre palavras, textos sobre textos. (BAKHTIN, [1959-1961] 2003, p. 307).

Os dizeres acima também nos permitem uma viagem, colocando em xeque o sentido de “verbal” na obra bakhtiniana. Se para “palavra”, “autoria”, “diálogo” a sugestão é uma compreensão mais ampla, por que não poderíamos pensar nisso em relação ao termo verbal? Assim teríamos o “texto no sentido amplo” e, por conseguinte, um “verbal” abrangente, que remonta ao “Verbo” bíblico, que sempre existira, que *fora desde o princípio*. O Verbal. Por extensão, o Verbal como aquilo que significa, *o sentido em seu estado bruto*, anterior a qualquer estratificação, gramaticalização, estruturação, movimentos próprios da organização das línguas. Hum, este voo faz uma conexão na epígrafe desse texto...

Mais adiante, na mesma obra da citação acima, Bakhtin enuncia: “o texto como enunciado”, fazendo com que nossa compreensão retorne ao processo interlocutivo, às relações entre interlocutores e o objeto da

⁴ Tal ampliação, em nosso ver, elimina a necessidade das dicotomias e composições: verbal/não verbal/verbo-visual, da mesma forma que a adoção radical da linguagem como interação verbal coloca em questão as dicotomias oral/escrito; leitura/produção.

interlocução: o autor, o ouvinte (ou leitor), e o herói⁵. A rede de relações, assim, parece se emaranhar e, ao mesmo tempo, parece desenhar mais claramente o pensamento bakhtiniano sobre a linguagem. Se o enunciado é um *elo da cadeia ininterrupta da comunicação verbal*, se pudermos elevar o nosso verbal a Verbal, ou seja, a um sinônimo para tudo aquilo que significa (em *relação* ao ser humano, envolvido no processo interlocutivo, sócio-historicamente situado, ressaltemos), estamos totalmente inseridos num amplo diálogo, para além de nosso próprio tempo e espaço. Nas palavras de Bakhtin:

O enunciado existente, surgido de maneira significativa num determinado momento social e histórico, não pode deixar de tocar os milhares de fios dialógicos existentes, tecidos pela consciência ideológica em torno de um dado objeto de enunciação, não pode deixar de ser participante ativo do diálogo social. Ele também surge desse diálogo como seu prolongamento, como sua réplica, e não sabe de que lado ele se aproxima desse objeto (BAKHTIN, [1934] 2010, p. 86).

Paradoxalmente, para termos uma ideia do alcance do pensamento bakhtiniano sobre a linguagem, é necessário olhar para a tríade em ação languageira situada e, ao mesmo tempo, para os nós que a amarram à rede universal dos sentidos produzidos pelos homens, em todos os tempos e lugares, em todas as direções. A partir daí, podemos vislumbrar as aproximações e distanciamentos, os nascimentos e os desaparecimentos dos sentidos:

Não existe a primeira nem a última palavra, e não há limites para o contexto dialógico (este se estende ao passado sem limites e ao futuro sem limites). Nem os sentidos *do passado*, isto é, nascidos no diálogo dos séculos passados, podem jamais ser estáveis (concluídos, acabados de uma vez por todas): eles sempre irão mudar (renovando-se) no processo de desenvolvimento subsequente, futuro do diálogo. Em qualquer momento do desenvolvimento do diálogo existem massas imensas e ilimitadas de sentidos esquecidos, mas em

⁵ Bakhtin explora estas relações no texto *O autor e a personagem na atividade estética*, datado de meados dos anos 20. Ainda em *O discurso na vida e o discurso na arte*, de Voloshinov, 1926, encontramos breve explanação sobre a tríade autor, herói, ouvinte.

determinados momentos do sucessivo desenvolvimento do diálogo, em seu curso, tais sentidos serão lembrados e reviverão em forma renovada (em novo contexto). Não existe nada absolutamente morto: cada sentido terá sua festa de renovação. Questão do grande tempo (Bakhtin, 2003, p. 410).

Os dizeres, sétima parte, sétimo céu. Desde o início dessas nossas divagações, estamos repetindo a mesma expressão: “em todas as direções”, “em todas as direções”. Acontece que, dia desses, ministrando uma aula da disciplina Teorias do discurso, para o quarto ano do Curso de Letras, e trabalhando o capítulo 6 de Marxismo, justamente onde Voloshinov explicita sua concepção de linguagem, deparei-me com tal expressão, no seguinte contexto:

Qualquer enunciação, por mais significativa e completa que seja, constitui apenas uma *fração* de uma corrente de comunicação verbal ininterrupta (concernentes à vida cotidiana, à literatura, ao conhecimento, à política, etc.). Mas essa comunicação verbal ininterrupta constitui, por sua vez, apenas um momento na evolução contínua, **em todas as direções**, de um grupo social determinado. (VOLOSHINOV, [1929] 2009, p. 128) (grifo nosso).

O foco na expressão “em todas as direções” me levou a uma divertida cena: imaginar todas as pessoas do planeta falando e escrevendo, ouvindo e lendo, nesse exato momento. Acrescentemos a isso seus discursos interiores. Depois, ampliando, imaginar as *relações* entre todos os dizeres atuais como todos os dizeres anteriores, já projetando, ao futuro, os prováveis dizeres que poderiam advir daí. Afastando a câmera, como quem olha do espaço para a Terra, abrindo a cena, vislumbraríamos a enorme rede dialógica passada, presente e futura da linguagem, a envolver os seres humanos em todos os momentos, em todas as direções. Alguém na sala exclamou: “Isso é muito doido!” Como aquela imagem do universo contido num grão de areia...

Essa é minha releitura de hoje sobre parte do pensamento de Bakhtin e o Círculo. De forma assistemática, ensaística e prosaica, dividindo o texto

numa lista de dizeres. Assim, entrevejo todo o esforço desse círculo de pensadores russos, como uma arquitetura dos dizeres, para todos, em todos os tempos, em todos os lugares, em todas as direções. Uma chamada pela libertação da voz dos falantes e das amarras da linguagem.

Sei, ainda, que faltou falar de tantos outros conceitos fascinantes, como o próprio conceito de arquitetura (não falei dele o tempo todo?), a exotopia, a entonação, a responsabilidade, o gênero, a relação ético-estética, as vozes. *Vozes, veludas, vozes*, várias as convidei para adentrar nosso pequeno ensaio. Mas, por hora, deixo para vocês a tarefa da resposta e da participação em mais um braço dessa teia discursiva sem fim, ler e reler, pensar e repensar as proposições bakhtinianas. E, como não tenho alibi na minha curta existência, e o meu enunciado, *participante ativo do diálogo social, palavra internamente persuasiva*, não pode fugir ao seu *cronotopo*, termino esse encontro perguntando: Curtiu? Então comente e compartilhe...

REFERÊNCIAS

1. BAKHTIN, Mikhail M. ([1934-35/1975]). *Questões de Literatura e Estética (A Teoria do Romance)*. Tradução de Aurora Fornoni Bernadini *et al.* 5.ed. São Paulo: UNESP, 2010.
2. _____. [1952-1953]. Os gêneros do discurso. In: _____. *Estética da Criação Verbal*. Trad. de Paulo Bezerra, São Paulo: Martins Fontes, 2003.
3. _____. [1959-61/1979]. O problema do texto na linguística, na filologia e em outras Ciências Humanas. In: _____. *Estética da criação verbal*. Trad. de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
4. _____. [1974] Metodologia das ciências humanas. In: _____. *Estética da criação verbal*. Trad. de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

5. MEDVIÉDEV, Pavel N. [1928] *O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica*. São Paulo: Contexto, 2012.
6. PONZIO, Augusto. *A revolução bakhtiniana: o pensamento de Bakhtin e a ideologia contemporânea*. São Paulo: Contexto, 2008.
7. TODOROV, T. Prefácio à edição francesa. In:_____.*Estética da criação verbal*. Trad. de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
8. VOLOCHINOV, V. N. *Marxismo e Filosofia da linguagem problemas fundamentais do Método Sociológico da Ciência da Linguagem*. São Paulo: HUCITEC, 2009.